

Compulsão à repetição: do “Projeto de uma psicologia” ao “Além do princípio do prazer”

Fátima Caropreso

E-mail: fatimacaropreso@uol.com.br

Resumo: Muito já foi dito sobre o modo como as teses metapsicológicas mais importantes encontram-se prefiguradas no manuscrito do “Projeto de uma psicologia” (1895), mas nem sempre o estatuto dessa persistência é plenamente explicitado, tampouco o grau de literalidade com que Freud adere a algumas de suas concepções iniciais, principalmente quando estão em questão os grandes momentos de inovação e de suposta ruptura nas teorizações subseqüentes. Este trabalho propõe uma contribuição bastante específica a essa discussão, restrita ao tema da compulsão à repetição – conceito introduzido formalmente por Freud em “Além do princípio do prazer” (1920) –, com o intuito de colaborar para o problema mais amplo da gênese das concepções metapsicológicas fundamentais.

Palavras-chave: Freud; metapsicologia; compulsão à repetição; princípio do prazer.

Abstract: It has been frequently asserted that main metapsychological thesis are already anticipated in Freud’s manuscript “Project for a psychology” (1895), but the meaning and the reach of this fact is not always fully expressed, neither how literal is Freud’s use of some of his early concepts, even in the moments of greatest innovation in subsequent theorizations. This work addresses a very specific point this discussion, restricted to the concept of “repetition compulsion” introduced in “Beyond the pleasure principle” (1920), in order to contribute in the wider question of the genesis of the fundamental metapsychological concepts.

Key-words: Freud; metapsychology; repetition compulsion; pleasure principle.

Introdução

No “Projeto de uma psicologia” (1895), Freud estabelece como princípio fundamental da atividade nervosa o “princípio de inércia”, segundo o qual a tendência originária dos neurônios seria libertar-se de toda quantidade. O princípio de inércia, contudo, seria violado desde o início, devido à sua incapacidade de promover a descarga da excitação proveniente do interior do corpo. A estimulação endógena imporá uma modificação à tendência primária para a inércia, a saber, a sua substituição pela tendência a manter a quantidade neuronal constante, no nível mínimo necessário. A tendência à constância não se oporia ao princípio da inércia; ao contrário, atuaria em seu favor, permitindo que a quantidade endógena fosse, de fato, descarregada. As sensações de prazer e desprazer corresponderiam, respectivamente, à diminuição e ao aumento do nível de excitação no aparelho. Freud sugere, mas não chega a estabelecer conclusivamente, uma identificação entre a tendência primária à inércia e a tendência da vida psíquica para “evitar o desprazer”.

Apenas no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, Freud introduz a hipótese do “princípio de desprazer”, que, posteriormente, será chamado de “princípio do prazer”. Segundo o que ele propõe nesse texto, o sistema inconsciente seria regido exclusivamente pelo princípio do desprazer. O pré-consciente seria governado pelo que, em “Formulações sobre os dois princípios dos acontecimentos psíquicos” (1911), Freud chamou de “princípio de realidade”. Essas hipóteses do capítulo 7 sobre a relação entre o sistema Icc e o princípio do desprazer, e entre o Prcc e o princípio de realidade, são mantidas inalteradas nos artigos metapsicológicos de 1915. Mas, em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud conclui que o funcionamento psíquico regido pelo princípio do prazer não é originário; haveria um outro que o antecederia, o qual estaria sob domínio da “compulsão à repetição”.

Procura-se argumentar aqui que esse funcionamento psíquico, que estaria “além do princípio do prazer”, só representa uma novidade em

relação às hipóteses sobre o aparelho psíquico apresentadas a partir de “A interpretação dos sonhos”. A idéia de uma atividade psíquica originária, regida pela compulsão à repetição, já estava presente no “Projeto...”. Tendo este texto em vista, podemos perceber que, em 1920, Freud resgata hipótese antigas, que haviam sido deixadas temporariamente de lado na primeira tópica freudiana.

O processo primário no “Projeto de uma psicologia”

Os conceitos de “processo primário” e de “processo secundário”, como se sabe, já estão formulados no “Projeto”. O processo primário consistiria em um tipo de funcionamento guiado exclusivamente pela tendência à inércia. Seria um processo, portanto, no qual toda excitação seguiria pela via mais bem facilitada, sem sofrer nenhum tipo de inibição ou redirecionamento. Esse funcionamento primário poderia, assim, conduzir à reativação de representações que, mesmo em sua origem, produziram desprazer. Isso ocorreria nas primeiras lembranças da vivência de dor.

A dor é definida por Freud como a irrupção de grandes quantidades na direção do sistema de memória ψ , como conseqüência da falha dos dispositivos que protegeriam o aparelho contra quantidades exógenas muito intensas. A dor produziria, em primeiro lugar, um grande aumento no nível da excitação em ψ , sentido como desprazer; em segundo lugar, uma inclinação para a eliminação da excitação e, em terceiro, uma facilitação entre esses caminhos de eliminação e a representação do objeto que provocou a dor (objeto hostil). Uma vez ocorrida essa vivência de dor, novas ocupações da representação do objeto hostil, a partir da percepção ou por associação, produziram “afeto” e uma inclinação para a eliminação, a qual é chamada de “defesa primária”; ou seja, haveria uma liberação de quantidade no aparelho, que geraria desprazer e uma inclinação para a desocupação da representação hostil. Assim como a vivência de satisfação teria como conseqüência o surgimento do “estado de desejo”, o qual

inicialmente conduziria à alucinação e a uma descarga motora ineficaz, a vivência de dor teria como consequência o surgimento do afeto.

O processo secundário surgiria a partir da inibição e do redirecionamento do processo primário. Com o ressurgimento da necessidade e a frustração relacionada à alucinação de desejo, o eu aprenderia a não ocupar tão intensamente a representação de objeto e as representações de movimento a ela associadas. Como consequência, certo nível de quantidade seria retido em seu núcleo. Com esse armazenamento de quantidade, o curso associativo seria parcialmente inibido e não mais seguiria unicamente as vias mais bem facilitadas. A inibição da alucinação e da descarga motora seriam condicionadas biologicamente pelo desprazer. Já a inibição da ocupação intensa da representação do objeto hostil seria um processo gradual, que pressuporia o estabelecimento da excitação em estado ligado. Freud esclarece isso na terceira parte do “Projeto...”, onde observa que o pensamento pode conduzir ao desprazer, devido à ocupação de representações que pertenceram ou estão ligadas à vivência de dor. Então, ele afirma: “Se se seguir o destino de tais percepções, enquanto imagens de ‘recordação’, nota-se que as primeiras repetições ainda despertam tanto afeto como também desprazer até que, com o tempo, perdem tal capacidade” (Freud 1895 [1950], p. 95).

Freud diz que se trata, nesse caso, de “recordações ainda indomadas” e levanta uma questão: o que acontece com as “recordações” capazes de afeto até que elas sejam “domadas”? Sua resposta é que é preciso que eu obtenha poder sobre elas, ou seja, é preciso que elas sejam “ligadas”. Freud entende por ligação a passagem da quantidade do estado livre para o estado tônico, condição para a formação do eu e, depois, consequência de sua ação. Como tais representações pertenceram a vivências de dor, essa ligação seria mais trabalhosa para o eu do que a ligação das demais representações:

Enquanto traços de vivências de dor, elas (de acordo com nossa suposição sobre a dor) foram ocupadas a partir de $Q\Phi$ muito grandes e adquiriram uma facilitação

muito forte para liberação de desprazer e afeto. É preciso uma ligação repetida e especialmente grande, a partir do eu, até que seja equilibrada essa facilitação para o desprazer. (Freud 1895 [1950], p. 96)

Então, inicialmente, não seria possível impedir a ocupação dessas representações, nem inibi-la parcialmente. Depois, gradualmente, a excitação que ocuparia a representação hostil iria sendo dominada por meio de repetidas tentativas de ligá-la. Depois de estabelecida a ligação, a ocupação da representação limitar-se-ia a um mínimo, que permitisse apenas sinalizar ao curso associativo que aquele caminho conduz ao desprazer e deve ser abandonado.

Quando, na primeira parte do “Projeto...”, Freud descreve a vivência de dor e suas conseqüências, ele estabelece que, a partir de certo momento, o eu passa a inibir a ocupação da representação do objeto hostil. Na terceira parte desse mesmo texto, ele esclarece como isso poderia ocorrer. Tratar-se-ia de um processo gradual e, até que se completasse, ou seja, até que essas representações estivessem “domadas”, não seria possível evitar a sua ocupação. Encontra-se formulada, portanto, no “Projeto...”, a hipótese de que há um processo no aparelho que faz retornar representações que, em sua origem, levaram à produção de desprazer. Há, nesse texto, a idéia de um processo “repetitivo” que ocorre enquanto as representações ainda não foram ligadas e que não poderia ser evitado até que fosse estabelecida a ligação. Mas poder-se-ia dizer que esse processo estaria “além do princípio do prazer”?

No capítulo 7, embora não fale explicitamente em um “princípio de inércia”, nem em uma “tendência à constância”, Freud parece manter hipóteses muito semelhantes às do “Projeto...”. Na seção C, ele retoma a idéia de que haveria uma tendência inicial a descarregar a excitação pela via reflexa, a qual seria modificada pela necessidade de fazer cessar a estimulação endógena. Apenas na seção E, Freud fala em um “princípio do desprazer”. Ele diz que o decurso da excitação dentro do aparelho é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer. Adiante,

ele afirma que o “princípio do desprazer” é que exerce essa regulação. O processo primário – que corresponderia ao sistema inconsciente – seria regulado exclusivamente pelo princípio de desprazer. Devido à necessidade de lidar com as excitações endógenas, surgiria um segundo tipo de funcionamento, o processo secundário, que corresponderia ao sistema pré-consciente.

Freud volta a mencionar o que, no “Projeto...”, foi chamado de vivência de dor com o objetivo de esclarecer a regulação que o princípio do desprazer exerceria sobre o processo secundário. Mas, no capítulo 7, assim como nos artigos metapsicológicos, não é mais mencionada a hipótese de que, como consequência da vivência de dor, surgiria um funcionamento primário no aparelho que produziria afeto e defesa primária excessiva, o qual seria modificado gradualmente a partir de repetidas tentativas de ligar a excitação que ocuparia as representações hostis. Desaparece, assim, a idéia de que haveria um modo primário de operação do aparelho que conduziria à reativação de representações desprazerosas, o qual não poderia ser evitado enquanto as representações não fossem ligadas. Parece estar pressuposto na teoria que os processos, desde o início, possuiriam a capacidade de evitar uma nova ocupação de representações que um dia despertaram desprazer. Portanto, o que seria uma aquisição secundária no “Projeto...” passa a ser, no capítulo 7, algo que faz parte do funcionamento psíquico desde sua origem. Isso se torna claro com a conclusão a que Freud chega logo em seguida: “Assim, em consequência do princípio de desprazer, o primeiro sistema ψ é, em geral, incapaz de incluir algo desagradável na concatenação do pensamento. O sistema não pode fazer nada a não ser desejar” (Freud 1900, p. 570).

O princípio do prazer

No “Projeto...”, Freud não fala em um “princípio do prazer”. No início do texto, ele enuncia o princípio de inércia e, adiante, diz que “está

tentado” a identificar a tendência da vida psíquica a evitar o desprazer com a tendência inicial à inércia. A noção de princípio do prazer (ou do desprazer) é apresentada, de fato, apenas no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”. Por isso, é em relação a essa formulação que devemos compreender a hipótese de que haveria um funcionamento que antecederia aquele regido pelo princípio do prazer.

Em resumo, no capítulo 7, a situação é a seguinte: haveria um funcionamento primário do qual estariam excluídas todas as representações desprazerosas; e haveria um funcionamento secundário, que teria acesso a representações desprazerosas, pois sua forma de investimento inibiria a liberação de desprazer. Esse processo primário, segundo Freud, seria regulado exclusivamente pelo princípio de desprazer; já no processo secundário, o princípio reitor consistiria em uma modificação do princípio de desprazer, que será chamada, em 1911, de “princípio de realidade”. Então, no capítulo 7, um funcionamento regido exclusivamente pelo princípio do desprazer é um funcionamento do qual estariam, por definição, excluídas todas as representações capazes de produzir desprazer.

Freud deixa de lado, no capítulo 7, as conseqüências iniciais da vivência de dor, e o “processo primário” passa a ser pensado de maneira diferente do “Projeto...”. Contudo, isso que é deixado de lado nesse momento parece retornar em “Além do princípio do prazer”.

Para além do princípio do prazer e de volta ao “Projeto...”

Freud inicia o texto “Além do princípio do prazer” (1920) retomando suas hipóteses sobre o princípio do prazer e o processo primário tal como elas haviam sido formuladas no capítulo 7. A seguir, levanta a questão sobre a legitimidade de se supor que o princípio do prazer rege soberano todos os processos psíquicos. Alguns processos, argumenta ele, como no caso dos sintomas neuróticos, acabam gerando desprazer, mas se trata, nesses casos, de um “desprazer de percepção” – uma busca de

satisfação por parte do Icc que representa algo desprazeroso para o pré-consciente. Há também o desprazer que o processo secundário aprende a tolerar na espera por uma satisfação real. Esses casos não contradizem o império absoluto do princípio do prazer, mas há outros fatos que talvez forneçam novos dados. A reação do aparelho diante do perigo externo talvez imponha uma modificação à hipótese de que o princípio do prazer governa todos os processos psíquicos, argumenta Freud. E ele acaba concluindo, no fim da terceira parte, que é legítimo supor a existência de um funcionamento que antecede a vigência do princípio do prazer e que é condição para que este passe a vigorar. Quais seriam, então, as evidências que lhe permitem essa conclusão?

Freud menciona, em primeiro lugar, o caso dos sonhos das neuroses traumáticas. Ele argumenta que a única maneira de conciliá-los com a hipótese de que todo sonho é uma realização de desejo seria atribuindo-os a “enigmáticas tendências masoquistas do eu”. Sem tirar mais conclusões, Freud passa para a consideração dos jogos infantis: as crianças repetem nos jogos inúmeras situações por elas vivenciadas, algumas das quais consistiram em experiências desprazerosas. Ele se pergunta, então, se seria possível que o esforço de processar psiquicamente algo impressionante se exteriorizasse de maneira primária e independente do princípio do prazer e responde que, apenas com base no estudo dos jogos infantis, não é possível tirar essa conclusão, uma vez que mesmo aqueles jogos que repetem situações desagradáveis podem ser pensados como obedecendo ao princípio do prazer. Por fim, Freud volta-se para o fenômeno da transferência.

Segundo as concepções de Freud sobre a técnica psicanalítica (Freud 1914), experiências reprimidas das quais o enfermo não pode se recordar acabariam sendo repetidas como vivências atuais na situação analítica. A compulsão à repetição – que se manifesta como transferência – seria, assim, uma manifestação do reprimido inconsciente. A repressão, bem como a resistência que depois se opõe ao retorno do reprimido, é operada pelo eu. Tanto a repressão como a resistência podem ser compreendidas como estando a serviço do princípio do prazer: elas têm como

finalidade evitar o desprazer, que seria despertado se as representações reprimidas fossem liberadas. Portanto, a oposição à recordação, levada a cabo pela resistência, parece estar totalmente a serviço do princípio do prazer. Mas quanto à compulsão à repetição, pergunta-se Freud, é possível conciliá-la com tal princípio?

Algumas repetições transferenciais são facilmente conciliáveis com o princípio do prazer, mas haveria outras, que não parecem poder ser compreendidas dessa forma. Os neuróticos repetem situações afetivas que, mesmo quando atuais, produziram desprazer. Trata-se aí de pulsões que estavam destinadas a conduzir à satisfação, mas que produziram somente desprazer. Apesar de tais experiências terem sido feitas em vão, uma compulsão impõe sua repetição, afirma Freud. A mesma compulsão de repetição dos neuróticos pode ser encontrada na vida de pessoas normais, nos fenômenos chamados, por ele, de "compulsão de destino".

Esses dois fenômenos – a repetição transferencial de situações que, mesmo em sua origem, levaram apenas ao desprazer e às compulsões de destino – levam Freud a concluir que parece legítima a suposição de que existe na vida psíquica uma compulsão à repetição, que se instaura fora da alçada do princípio do prazer. Na verdade, como observa Monzani (1989, p. 155), nenhum dos fenômenos analisados, tomados isoladamente, mas apenas o arranjo fornecido por seu conjunto, permite a introdução da noção de compulsão à repetição. Uma vez estabelecida a hipótese de que haveria uma compulsão à repetição para além do princípio do prazer, Freud aponta a necessidade de esclarecer qual seria sua função, em que condições ela afloraria e que relação existiria entre ela e o princípio do prazer.

É ao pensar sobre a reação do aparelho psíquico à irrupção de excitações muito intensas – o que agora chama de "trauma" – que Freud encontra uma via para responder a essas questões. Com a noção de trauma proposta em 1920, Freud reabilita, em certo sentido, o conceito de vivência de dor do "Projeto...", e suas conseqüências, tal como haviam sido pensadas em 1895, tornam a ser consideradas na teoria. O trauma resultaria da falha dos mecanismos destinados a proteger o aparelho de

excitações muito intensas. Nesse caso, não seria mais possível evitar que o aparelho fosse inundado por grandes volumes de estímulo e, então, sua tarefa passaria a ser “dominar o estímulo, ligar psiquicamente as quantidades de estímulo que aí irrompem, para conduzi-las então à sua tramitação” (Freud 1920, p. 239).

Diante da dor – ou seja, da ruptura do mecanismo de proteção antiestímulo em um ponto específico do aparelho –, seria produzido um enorme contra-investimento, no qual se empenhariam as excitações de outros sistemas, tendo como resultado um rebaixamento geral no nível de toda a operação psíquica. Freud propõe, então, que esse contra-investimento teria como objetivo “ligar” a excitação que produz desprazer.

Com essas considerações, Freud procura responder à questão a respeito da função do funcionamento regido pela compulsão à repetição e da relação desse funcionamento com aquele governado pelo princípio do prazer. Para que o princípio do prazer pudesse iniciar seu domínio, haveria uma tarefa prévia a ser realizada: transpor a excitação do estado livre para o estado ligado, ou seja, dominá-la. Um funcionamento regido pela compulsão à repetição teria, então, a função de ligar a excitação. Só após essa ligação – que seria obtida por meio de sucessivas repetições –, o princípio do prazer poderia passar a vigorar.

Os fenômenos que levam Freud a concluir que é necessário supor um funcionamento psíquico que antecede o princípio do prazer são, principalmente, aqueles que retomam situações que, mesmo em sua origem, foram desprazerosas. Freud retorna, assim, de certa forma, às conseqüências da vivência de dor do “Projeto...”, ou seja, justamente o que havia sido deixado de lado a partir do capítulo 7. No “Projeto...”, está presente a idéia de que uma nova ocupação das representações hostis e a liberação de desprazer decorrente não podiam ser evitadas enquanto o eu não adquirisse domínio sobre essas representações, isto é, enquanto estas não fossem ligadas. Tal domínio seria obtido apenas após sucessivas tentativas de ligar as excitações. É esse processo, que se intercalaria entre a vivência de dor e a possibilidade de inibir a ocupação das represen-

tações hostis, que havia sido deixado de lado a partir do capítulo 7 e que agora é retomado em “Além do princípio do prazer”. A repetição assim compreendida estabelece qual a função e a natureza de um processo que anteceda o princípio do prazer.

A noção freudiana de processo primário, com isso, volta a ser pensada de forma semelhante à do “Projeto...”. No capítulo 7, o processo primário seria regido “exclusivamente pelo princípio do prazer” e isso significava que tal processo seria incapaz de incluir entre suas associações representações desprazerosas. Essa capacidade surgiria somente com o processo secundário. Pensando nessa forma de se conceber o princípio do prazer, de fato, o funcionamento regido pela compulsão à repetição se situaria “além” do mesmo, mas não se situaria “além do princípio do prazer” se este fosse identificado com o princípio de inércia, tal como ocorre no “Projeto...”, isto é, se por princípio do prazer entendêssemos simplesmente a tendência do aparelho a descarregar sua excitação da forma mais direta possível.

De modo similar, Monzani (1989) argumenta que, com a introdução do conceito de pulsão de morte, Freud explicita algo que, desde o “Projeto...” e ao longo de toda a sua obra, esteve presente de forma implícita na teoria: ao introduzir essa noção em “Além do princípio do prazer”, ele teria apenas conferido um direito de cidadania manifesto a algo que sempre esteve presente. A leitura aqui apresentada tende a concordar com essa interpretação e acrescenta que, ao introduzir a noção de compulsão à repetição, Freud também não está propondo uma idéia totalmente nova em sua teoria, mas sim retomando certas hipóteses iniciais que haviam sido deixadas de lado a partir do capítulo 7. Com isso, não se pretende sugerir que “Além do princípio do prazer” apenas repete e explicita hipóteses que já estavam presentes no “Projeto...” e em outros textos metapsicológicos. Como nos adverte o próprio Monzani, vários novos conceitos são introduzidos, e a reformulação da teoria que Freud empreende nesse momento, e que acaba culminando no texto de 1920 e

em “O ego e o id” (1923), foi impulsionada, principalmente, por novas evidências obtidas, entre elas, a teoria do narcisismo.

Mas, ainda assim, talvez seja plausível pensarmos que a reformulação da teoria que Freud empreende nos anos 20, em medida considerável, leva-o a retomar hipóteses iniciais, que estavam presentes no “Projeto...”, mas que não foram desenvolvidas nas obras freudianas que se seguiram. Os passos à frente de Freud o levariam, ao mesmo tempo, em certo sentido, para trás. Poderíamos, nesses termos, concluir então que, ao introduzir a noção de compulsão à repetição em 1920, Freud retorna às hipóteses do “Projeto...”, e que esse retorno leva-o para além do princípio do prazer apenas no sentido em que este é pensado no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”. O passo além de Freud seria, nesse caso, um retorno às origens da metapsicologia, e o “Além do princípio do prazer” consistiria num trabalho em que certas teses do “Projeto...”, até então apenas subentendidas nos desenvolvimentos posteriores, começariam a retornar à letra da teorização freudiana.

Referências

- Freud, Sigmund 1895 [1950]: “Entwurf einer Psychologie”. In: *Gesammelte Werke. Nachtragsband*. Frankfurt, Fischer, pp. 387- 477, 1987. Tradução brasileira e notas de Osmyr Faria Gabbi Jr.: *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- _____. 1900: “Die Traumdeutung”. In: *Studienausgabe*. v. 2. Frankfurt, Fischer, 1982.
- _____. 1914: “Recordar, repetir y reelaborar”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. v. 12. Buenos Aires, Amorrortu, 1998.
- _____. 1920: “Jenseits des Lustprinzips”. In: *Studienausgabe*. v. 3. Frankfurt, Fischer, pp. 213-72, 1982.
- Monzani, Luiz R. 1989: *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.